

UM OUTRO URBANO: CONSIDERAÇÕES ATRAVÉS DE SOLÀ-MORALES E CARERI
ANOTHER URBAN: CONSIDERATIONS ACROSS SOLÀ-MORALES AND CARERI
LUIZA MELO

Luiza de Farias Melo é Arquiteta, Designer Gráfica e Mestre em Arquitetura. É pesquisadora do Programa de Pós-graduação em Arquitetura da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). luiza.melo@fau.ufrj.br

<http://lattes.cnpq.br/0119925945267028>

ARTIGO SUBMETIDO EM 15 DE AGOSTO DE 2022

Como citar esse texto: MELO, L. de F. Um outro urbano: considerações através de Solà-Morales e Careri. **VIRUS**, n. 24, 2022. [online]. Disponível em: <http://www.nomads.usp.br/virus/papers/v24/586/586pt.php>. Acesso em: dd mês. aaaa.

Resumo

Este artigo traz outras formas de habitar a cidade a partir das reflexões de Ignasi Solà-Morales sobre o fenômeno urbano contemporâneo, objetivando colocar as transurbâncias nômades de Francesco Careri enquanto traduções que as incorporam e territorializam enquanto práxis contra-hegemônicas espaciais. Para tal, ancorando-nos em uma revisão da literatura de Careri e de Solà-Morales, das críticas realizadas por estes ao urbanismo contextualista e o desenho urbano, buscamos apresentar a potência vocabular reflexiva que ambos provocam/estabelecem. Mais do que delimitar estruturas, suas colocações abrem os horizontes do campo urbanístico de maneira rizomática, que não se encerra em si mesmo: antes, inscreve o exercício urbano para além de uma produção (neo)liberal do espaço cidadão. Através dos conceitos de mutação e de *terrain vague*, o pesquisador catalão possibilita tensionar o pensamento sobre o urbanismo e a arquitetura interpretadas aqui através das transurbâncias errantes de Careri. O arquiteto italiano que passou a experimentar o espaço liso deleuziano, percorrendo as regiões periurbanas de Paris e Roma como uma prática de deslocamento do substancial referencial urbanístico da malha urbana das cidades. Tanto Ignasi quanto Careri encontram nos ambientes de indeterminação - intelectual e materializado - que o desenraizamento do urbanismo os proporciona, maneiras outras de pensar e praticar os espaços.

Palavras-chave: Fenômeno urbano, *Terrain vague*, Mutação, Transurbâncias, Urbanismo contra-Hegemônico

1 Introdução

Se nossa proposta de categorias culturais para compreender as novas relações entre a arquitetura e as grandes metrópoles contemporâneas começou com a noção de "mutação" como a mais adequada para compreender os fenômenos da transformação repentina, a última que propomos, terreno vago, constitui praticamente seu contraponto, o inverso da mesma moeda metropolitana. Somente uma atenção igual aos valores de inovação como aos valores da memória e da ausência será capaz de manter viva a confiança em uma vida complexa e plural. O papel da arte, escreveu Deleuze, também da arte da Arquitetura "não é o de produzir objetos para si mesmos, autorreferenciais, senão o de constituir-se em força reveladora da multiplicidade e da contingência (SOLÀ-MORALES, 1996, p. 23, tradução nossa)¹.

Neste artigo, buscou-se utilizar das reflexões de Ignasi Solà-Morales a respeito do fenômeno urbano contemporâneo e as transurbâncias de Francesco Careri como provocações a outras práxis, modos de pensar e agir, sobre o urbano. Para tal, foi necessário um rápido percurso de como as discussões a respeito das cidades desembocaram em seu complexo apanhado teórico, levando em consideração desde algumas críticas pós-modernistas até os consequentes desdobramentos sobre a teoria e prática urbanas, que se consolidaram no que ficou conhecido como urbanismo contextualista, representado através da construção da Vila Olímpica em Barcelona e da reconstrução berlinense após o fim da Guerra Fria.

Ignasi possui as características de seus contemporâneos e também influenciadores pós-estruturalistas franceses, como Deleuze e Foucault, que mesclam um extenso corpo referencial e teórico com uma enorme potência vocabular reflexiva e que, portanto, não se encerram em si mesmos. Mais do que delimitar estruturas, seus conceitos abrem os horizontes de nossos campos de estudo de maneira rizomática. Neste sentido, a compreensão não é imediata, tampouco taxativa. As reflexões plásticas e frutíferas a respeito de suas colocações que encontramos neste artigo nos auxiliam a vislumbrar um quadro filosófico ampliado, nos coloca em um ímpeto de deslocamento e de contingência.

¹ Do original em espanhol: "Si nuestra propuesta de categorías culturales para entender las nuevas relaciones entre la arquitectura y las grandes metrópolis actuales empezaba por la noción de mutación" como la más adecuada para entender los fenómenos de transformación súbita, la última que planteamos, *terrain vague*, constituye prácticamente su contrapunto, el reverso de la misma medalla metropolitana. Sólo una igual atención tanto a los valores de la innovación como a los valores de la memoria y de la ausencia será capaz de mantener viva la confianza en una vida urbana compleja y plural. El papel del arte, ha escrito Deleuze, también del arte de la arquitectura 'no es el de producir objetos para sí mismos, autorreferentes, sino el de constituirse en fuerza reveladora de la multiplicidad y la contingencia'".

As aproximações encontradas com essas elaborações do arquiteto, historiador e filósofo catalão com as práticas errantes do arquiteto italiano Francesco Careri são trazidas aqui como forma de corporificar e territorializar as conceituações de Solà-Morales em um contexto contra-hegemônico de compreensão da arquitetura e do urbanismo. Isto é, entendendo-os como epistemologias contestadoras de um pensamento e prática totalizantes, postos em prática em larga e acrítica escala atualmente na práxis sobre os espaços. Para tal, nos ancoramos em uma revisão da literatura de Careri, em seu conceito de transurbâncias nômades e no caminhar como um ato estético, e de Solà-Morales, em seus entendimentos acerca da mutação e do *terrain vague*. Assim, ambos são compreendidos aqui enquanto *stalkers* que encontram, na zona de indeterminação que o desenraizamento do urbanismo os proporciona, uma maneira outra, alternativa e fronteira de pensar e praticar a arquitetura e o urbanismo.

2 O urbanismo contextualista

O século passado foi um tempo bastante agitado no campo da teoria e da prática arquitetônica e urbanística. Do profícuo desenvolvimento de ideologias políticas e do surgimento de novos materiais e tecnologias acumulados ao longo das revoluções industriais e bélicas, o movimento modernista conseguiu exitosamente, no começo do século passado, criar um terreno próprio, que rompia com os modelos tratadistas da arquitetura desde o Renascimento. A agenda modernista combinava um paradigma de racionalidade técnica com uma ideologia que expressava os desejos e as esperanças de um espírito de época (SOLÀ-MORALES, 2003). Este *zeitgeist* fundamentava-se em uma utilização instrumental da história, em uma visão inescapavelmente teleológica, que se justificava em seus próprios fins: todo o passado desembocava em um presente que não podia ser outro. Esta herança filosófica (marxista e, por consequência, também hegeliana) orientava de um modo totalizante todas as experiências prévias, do Barroco até as Vanguardas, no desenvolvimento pleno do movimento moderno, o ápice de uma expressão psicológica e de um requinte técnico conjugado.

A partir da década de 50, o modelo modernista começa a sofrer críticas contundentes a respeito de sua incapacidade em dar conta da complexidade e diversidade dos vários territórios do mundo que seu espraiamento conseguiu alcançar. O modelo estandardizado e a resposta unidimensional às questões subjetivas e urbanas começam a ser questionados por movimentos regionais que, utilizando-se de outros campos do conhecimento das ciências humanas (como a psicologia, a antropologia, a sociologia, entre outros) para romper com um ideal de final feliz, como aponta Colin Rowe em 1958 (SOLÀ-MORALES, 2003), que não encontrava lastro na experiência vivida. A partir deste intenso contato com outras áreas do conhecimento humano, a *tabula rasa* sobre a qual se desenvolvia a arquitetura e o urbanismo modernista passa a entender a história não como argumento legitimador e teleológico de um presente luminoso, mas como uma preexistência que precisava ser considerada nas reflexões e intervenções sobre o espaço.

O uso instrumentalizado da história dá lugar a uma história que se reivindica enquanto pedra angular de uma fundamentação teórica, enquanto uma história crítica. Neste ponto, o desenvolvimento de questões estruturalistas e, principalmente, semiológicas e linguísticas, ganha terreno não só na arquitetura, mas em boa parte das ciências humanas. Este recente entendimento buscava a construção de epistemologias alternativas à narrativa única modernista, incorporando discursos estruturalistas para conseguir formular uma retórica própria, aut centrada e autônoma. Diante de uma certa preponderância das questões urbanas a partir de meados do século XX, surge uma correlação intrínseca entre o urbanismo e a arquitetura nas construções teóricas. Os trabalhos de Aldo Rossi (1984), por exemplo, colocam a morfologia urbana e a tipologia construtiva em uma relação binária que, juntas, apresentam uma lógica urbana dialética. Segundo ele: “A morfologia urbana é o estudo das formas da cidade. A tipologia construtiva é o estudo dos tipos de construção. Ambas as disciplinas estudam duas ordens de fatos homogêneos; além disso, os tipos construtivos que se concretizam nos edifícios são o que constitui fisicamente a cidade” (ROSSI apud PEREIRA, 2012).

Munidos dessa compreensão imbricada que a arquitetura e urbanismo ganham em um momento pós-moderno, esta correlação intrínseca entre forma e superestrutura não permite mais uma compreensão desvinculada de qualquer um desses campos sem se, de alguma forma, derramar-se para o outro. Além disso, levando em consideração que esta correlação também está pautada em uma crítica ao reducionismo cultural e identitário do movimento moderno, o urbanismo contextualista é materializado na construção da Vila Olímpica de Barcelona e na reconstrução de Berlim. Boa parte das reformas urbanas contextualistas em Barcelona consistem na intervenção realizada para abrigar os Jogos Olímpicos de 1992.

A Vila Olímpica de Nova Icaria, local construído para abrigar os atletas durante o evento, buscou integrar-se à malha urbana cerdariana preexistente ao tempo em que retrabalhava a orla da cidade, ocupada até então por instalações portuárias e férreas. Bohigas (1992), arquiteto que participou do projeto de Barcelona, salienta que a cidade foi entendida enquanto uma colagem de sistemas menores justapostos (os bairros), coordenados hierarquicamente por um sistema morfológico maior que leva em consideração uma questão identitária catalã, tanto no que concerne às características do plano de Cerdá, quanto aos usos reais cotidianos destes dispositivos capazes de irradiar uma “metástase” positiva de vitalidade urbana. Majoritariamente de cunho residencial, somada a uma orla com o apelo eminentemente turístico, a Nova Icaria combinava tanto a preocupação com a identidade e as características específicas de Barcelona – estando os arquitetos catalães diretamente envolvidos na parcela residencial do projeto – quanto a remodelação da orla para atrair investimentos estrangeiros em uma feição mais cosmopolita de cidade, com edifícios de renomados arquitetos conceituados, como Frank Gehry e Álvaro Siza (BRONSTEIN, 2012). Já a reconstrução de Berlim ocorreu na década de 90, do século XX, a partir de questões políticas bastante específicas ao contexto da cidade. Até 1989, ano em que aconteceu a queda do muro, Berlim havia sido cindida por esta barreira física que separava modos de vida bastante distintos.

Assim, a intenção de reconversão da cidade em capital do país, agora reunificada, colocava desafios de uma reconstrução urbana que era também eminentemente política e econômica. Após o fim da Guerra Fria, tanto a Berlim Oriental quanto a Ocidental, encontravam-se em crise. Então, o restabelecimento da capital era uma forma de estimular os setores industriais do país e atrair investimentos para a cidade (BRONSTEIN, 2012). A reconstrução de Berlim era uma forma de desafogar a crise econômica e política em que a cidade se encontrava, buscando criar empregos e abrir lugares, como *Friedrichstrasse*, para locação privada (HARVEY, 2005). Utilizando-se da história crítica como lastro argumentativo, Stimmann estabelece normas urbanísticas bem restritivas para uma reconstrução única de uma cidade que era, ao menos, bipartida. Estas tentativas de homogeneização e apagamento das guerras enquanto um passado recente e latente na cidade resultaram em críticas tanto estéticas, relativas à falta de experimentação e expressividade arquitetônicas e urbanísticas; quanto políticas, concernentes às atitudes autoritárias e, em boa parte, ao apagamento histórico da Berlim Oriental. A incapacidade de tradução da complexidade e dos traumas fractais vividos pela cidade resultou em uma superficial harmonia identitária que não condizia à Berlim recente.

3 Uma outra práxis urbana proposta por Solà-Morales

Apesar da pluralidade das críticas à arquitetura, sobretudo ao urbanismo modernista, Solà-Morales, em sua compreensão das diferentes práticas historiográficas na arquitetura do último século, identifica um certo ponto comum nestas duas abordagens contextualistas – a partir de uma incapacidade na construção de uma única abordagem metodológica que desse conta da totalidade das cidades. Neste modelo de reivindicações locais e regionalismos, esta abordagem encontrou caminho fragmentando e desmembrando o urbano em várias entidades que são recompostas em uma “remontagem” fundamentada através de um processo de historicização crítica (SOLÀ-MORALES, 2003). Este ponto é bem ilustrado na arquitetura por Venturi que, mesmo em sua crítica a um certo puritanismo moral do modernismo na arquitetura, insiste em seu “Gentil Manifesto” à complexidade e à contradição, em uma instância de inclusão totalizante:

Sou a favor da riqueza de significado em vez da clareza de significado; da função implícita, bem como da função explícita. Prefiro 'ambos-e' a 'ou-ou', preto e branco e, às vezes, cinza, a preto ou branco. Uma arquitetura válida evoca muitos níveis de significado e combinações de foco: seu espaço e seus elementos se tornam legíveis e viáveis de várias maneiras ao mesmo tempo. Mas uma arquitetura de complexidade e contradição tem uma obrigação especial para com o todo: sua verdade deve estar em sua totalidade ou suas implicações de totalidade. Ela deve incorporar a unidade difícil da inclusão e não a unidade fácil da exclusão. Mais não é menos (VENTURI, 2002, p. 23, tradução nossa)².

² Do original em inglês: “I am for richness of meaning rather than clarity of meaning; for the implicit function as well as the explicit function. I prefer “both-and” to “either-or,” black and white, and sometimes gray, to black or white. A valid architecture evokes many levels of meaning and combinations of focus: its space and its elements become readable and workable in several ways at once. But an architecture of complexity and

Esta necessidade estruturante também aparece nas considerações de Rem Koolhaas (2014) em sua elaboração de uma teoria da Grandeza. Em seu apelo teórico pela incorporação da categoria de Grandeza à arquitetura e ao urbanismo, ele afirma que neste contexto contemporâneo, “os arquitetos ficam na posição dos criadores de Frankenstein: instigadores de uma experiência parcialmente bem-sucedida cujos resultados foram tomados de uma loucura desenfreada portanto desacreditados” (2014, p. 47).

Ou seja, mesmo para os teóricos pós-modernos, este processo de “remontagem” a que se refere Solà-Morales é permitido apenas dentro de uma espécie de espraiamento arbóreo (DELEUZE; GUATTARI, 1995) que reconhece uma multiplicidade regional e identitária (e, portanto, se distingue de uma unidimensionalidade totalizante modernista). E também mantém um ponto de contato único a partir do qual se pode realizar uma genealogia histórica e assim justificar sua práxis embasada criticamente. Deleuze e Guattari (1995) elucidam esta possibilidade de genealogia, de raiz comum, do conhecimento arbóreo quando conceituam, em contraposição, sua consagrada figura filosófica do rizoma:

Um rizoma não começa nem conclui, ele se encontra sempre no meio, entre as coisas, inter-ser, intermezzo. A árvore é filiação, mas o rizoma é aliança, unicamente aliança. A árvore impõe o verbo “ser”, mas o rizoma tem como tecido a conjunção “e... e... e...” Há nesta conjunção força suficiente para sacudir e desenraizar o verbo ser. Entre as coisas não designa uma correlação localizável que vai de uma para outra e reciprocamente, mas uma direção perpendicular, um movimento transversal que as carrega uma e outra, riacho sem início nem fim, que rói suas duas margens e adquire velocidade no meio (DELEUZE; GUATTARI, 1995, p. 36).

Esta filiação e uma espécie de essencialismo (imposição do verbo “ser”) que Deleuze e Guattari contrapõem ao rizoma podem ser entendidos como âncoras de um pensamento estruturalista. Como o próprio Koolhaas (2014) exemplifica um pouco depois, em sua elaboração sobre a Grandeza, ainda há, neste urbanismo contextualista, uma necessidade de organizar-se a partir de um pensamento arbóreo: “a atração da Grandeza está no seu potencial de reconstruir o Todo, ressuscitar o Real, reinventar o colectivo e reivindicar a potência máxima” (2014, p. 22). Não coincidentemente, categorias do pensamento como a totalidade e o Real são questões discutidas por Hegel (HEGEL, 2008). Em contraposição, segundo Solà-Morales, esta herança hegeliana encontrada em Marx e em Freud chegam a um esgotamento conceitual a partir do momento em que Foucault (SOLÀ-MORALES, 2003), e posteriormente retomado por Deleuze e Guattari (1995), aponta o perigo de certa formulação positivista e hegemônica neste campo. Além de propor a arqueologia do saber enquanto um modo de abordagem menos coercitivo e universalista das ciências, uma maneira de se “desconfiar dessa vontade de essencialidade” (FOUCAULT, 2012, p. 248).

Esse novo modo de abordagem pode ser entendido dentro do pensamento sobre a cidade contemporânea no esforço de Solà-Morales em situá-la a partir da desordem, da multiplicidade e das diferenças enquanto pontos de partida e não mais pontos de chegada. Conceitos como *terrain vague* e mutação são utilizados para compreender territórios e paisagens enquanto processos fragmentários e cambiáveis de uma categoria de urbano emancipada do *logos* centralizador do urbanismo: uma possibilidade de resistir e escapar a ideia de arquitetura e urbanismo unicamente enquanto representação de poder.

4 Mutação e *terrain vague*

Para compreender este “urbano rizomático” faz-se necessário uma atomização das leituras sobre a cidade enquanto uma epistemologia própria, “como bem detectou Ignasi de Solà-Morales, a existência de uma geografia, de uma antropologia e de uma economia urbana confere total credibilidade à hipótese que o urbano constitui uma categoria cultural específica” (BRONSTEIN, 2012). Este entendimento deixa o urbano capaz de um deslocamento sem o peso de reportar-se à história crítica ou à antropologia urbana como diretrizes (deixando de representar seus conteúdos enquanto forma) já que toda esta multiplicidade de compreensões o atravessam e o constituem. Isto retira um imobilismo teórico e permite encarar a

contradiction has a special obligation toward the whole: its truth must be in its totality or its implications of totality. It must embody the difficult unity of inclusion rather than the easy unity of exclusion. More is not less”.

experiência urbana contemporânea enquanto tal. Desvincula-se, assim, de um certo lento histórico-estruturalista que decodifica o ambiente em um *a priori* do passado que o conceito de lugar e o regionalismo crítico constrói.

[...] por trás da pretensão abusiva de que a arquitetura era o instrumento com o qual fabricar e controlar a totalidade do ambiente, se escondia a necessidade de referir-se a modelos urbanos do passado e a incapacidade de, literalmente, imaginar, ter uma imagem global do que realmente está ocorrendo ao nosso redor (SOLÀ-MORALES, 1996, p. 10, tradução nossa).³

Para falar desta incapacidade de imaginação no urbanismo contemporâneo, Solà-Morales traz o conceito de mutação. Segundo ele, esta “ruptura nos mecanismos naturais de crescimento” (BRONSTEIN, 2012, p. 174) provoca nos urbanistas contextualistas um clamor por ordem, harmonia e coerência, fazendo-os buscar referências de sentido em um passado anacrônico que não comporta as visões do devir contemporâneo⁴. A mutação, ao contrário, permite que os urbanistas pensem a partir do atípico e fortaleçam esta força criativa para a “adoção de morfologias abertas e interativas” (BRONSTEIN, 2012, p. 174). A mutação adviria de mutação no sentido biológico, de uma transformação não só morfológica como também fisiológica (SOLÀ-MORALES, 1996). Esta transmutação é trazida por Ignasi como uma explosão de criação originária aproximada do caos, de uma ausência do ordenamento modelar de uma forma de vida, antes uma vida que brota sem seguir parâmetros pré-concebidos, súbita e desarraigada de um processo evolutivo sequencial. Nesse sentido, a mutação seria uma forma de concepção não-arbórea, rizomática, espontânea. Ela é uma epistemologia e uma ontologia da criação não-teleológica.

Nesse ínterim, o conceito de *terrain vague* aparece para salientar a importância da ausência na experiência do urbano contemporâneo. A ideia de ausência foi combatida ao longo da historiografia da arquitetura e do urbanismo estruturalista, entendido primordialmente enquanto a construção da matéria, da substância. Segundo Solà-Morales (1996), a palavra *terrain*, em francês, tem um caráter mais urbano do que *land*, em inglês, isto é, ela apresenta certa limitação construtiva ao território. Ao tempo que este terreno tem uma aceção um tanto determinada, ela também diz respeito a tamanhos maiores e menos precisos, ligadas à fisicalidade da porção de terra, ao potencial virtualizado do território. Já o termo *vague* tem genealogias distintas, no germânico tem a ver com o movimento da água e das ondas, de flutuação e instabilidade. No latim, sua origem vem do vazio, da vacância e da inocupação. Solà-Morales âncora a ausência presente nos *terrain vagues* como uma promessa de possíveis ainda indeterminados. Nesta segunda aceção, o *vague* encontra o *vacant* (ambos do latim, *vagus*) que significa algo indeterminado. Reunindo ambas as etimologias de *vague*, Ignasi coloca como esta indeterminação oceânica de possibilidades, o vazio que move. Para Solà-Morales (1995), compreender a lacuna urbana enquanto potência urbana é reinterpretar as fissuras deixadas pela cidade ordenada dos urbanismos estruturalistas, encontrando nos resíduos obsoletos valores evocativos. Para falar destes *terrain(s) vague(s)*, Ignasi fala da construção imagética da cidade através da fotografia no imaginário arquitetônico e urbano e como, ao longo do último século, se recorreu à fotografia para explicitar a experiência da cidade grande.

Através das fotos não estamos vendo as cidades, menos ainda por meio de fotomontagens. Vemos apenas as imagens, em sua impressão estática e enquadrada. Mas através da imagem fotográfica somos capazes de receber indícios, impulsos físicos que direcionam em certa direção a construção de um imaginário que estabelecemos como o de um determinado lugar ou cidade. Porque já vimos ou porque vamos ver alguns desses lugares, o mecanismo semiológico da comunicação é consumado através de indícios, e a memória que acumulamos por experiência direta, por narrações

³ Do original em espanhol: “(...) tras la pretensión abusiva de que la arquitectura era el instrumento con el que fabricar y controlar la totalidad del ambiente, se escondía la necesidad de referirse a modelos urbanos del pasado y la incapacidad de, literalmente, imaginar, tener una imagen global de lo que realmente está ocurriendo a nuestro alrededor.”

⁴ Como o caso da reconstrução de Berlim que, diante da complexidade de traumas bélicos e cisões irreconciliáveis nos modos de vida, a tentativa de reunificação mostrou-se no urbanismo enquanto uma “pasteurização” engessada de uma história pretendida, romantizada.

ou por simples acumulação de novos indícios é aquela que, definitivamente, produz nossa imaginação da cidade, uma ou mais cidades (SOLÀ-MORALES, 1995, p. 124, tradução nossa).⁵

Nesta passagem, o autor registra a importância da imagem fotográfica não como abstração compositiva mas, sobretudo, enquanto um desencadeador provocativo do imaginário que se produzirá, efetivamente, enquanto conjunto imagético da cidade na experimentação de indícios e experiências vividas. E é neste sentido da imagem fotográfica que o *terrain vague* se apresenta ao urbano contemporâneo “vazio, portanto, como ausência, mas também como promessa, como encontro, como espaço do possível” (SOLÀ-MORALES, 1995, p. 126, tradução nossa)⁶, e que por trazer esta potência de múltiplas possibilidades se configura enquanto “uma mensagem que contém expectativas de mobilidade, de vagabundagem, tempo livre, liberdade” (SOLÀ-MORALES, 1995, p. 126, tradução nossa)⁷.

Barron e Mariani (2013) leem estes *terrain vagues* como existências residuais e ambíguas, comuns a todas as cidades: “onde as paisagens viraram semente e foram deixadas por conta própria, estão em redesenvolvimento suspenso. ou vão sendo furtivamente habitadas ou usadas de outra forma, abaixo do radar da autoridade local” (BARRON; MARIANI, 2013, p. 1, tradução nossa⁸). O autor reforça a questão memorial do conceito, da ausência da paisagem como um processo que ilustra a reconstrução “lacunal” da memória, sobretudo a memória cotidiana, coletiva e compartilhada da cidade. Um lugar que comporta a contradição e insubordinação do vazio como forma de construção, já que na memória reside um exercício dialético de rememoração e esquecimento. E assim Solà-Morales (1995) compreende uma possibilidade epistêmica de abrigar o fenômeno contemporâneo, através do *terrain vague* como um resto urbano que permite uma dialética do negativo, do virtual (LÉVY, 2011).

Para ilustrar esse *terrain vague* em sua potência imaginativa de imagem, o filme *Stalker* (1979), do diretor russo Andrei Tarkovski, se coloca como um bom exemplo. O filme, baseado no livro Piquenique na Estrada (1971), evoca um território que, após o contato com extraterrestres, se converte em uma paisagem estrangeira para aqueles que o experimentam. As imagens da Zona (como o território influenciado por este acontecimento é chamado no filme) são os restos, os vestígios, desta passagem do Outro em um território que evoca naqueles que transitam por ela (os *Stalkers*): memórias, afetos e ações também Outros. A Zona pode ser entendida como um território que, sendo incapaz de ser compreendido pelo conhecimento humano, no filme, cientistas e militares passam diversos anos tentando compreendê-la e determiná-la sem obter êxito: ela se constitui como estrangeira, resistente à submissão do controle citadino.

No filme, as tentativas da ciência e dos militares em delimitá-la é sempre frustrada, como se a própria Zona se recusasse e continuasse inapropriável em sua permanente expansão. As tentativas destas duas forças de submeter à Zona ao controle é uma ilustração do que Deleuze e Guattari propunham enquanto distinção do espaço liso e do estriado: “É a diferença entre um espaço liso (vetorial, projetivo ou topológico) e um espaço estriado (métrico): num caso, ‘ocupa-se o espaço sem medi-lo, no outro, ‘mede-se o espaço a fim de ocupá-lo” (JACQUES, 2012). Em *Stalker*, a Zona é um *terrain vague* que resiste às inúmeras tentativas de cooptação, transformando-se em uma paisagem que só pode ser experienciada ou de alguma forma compreendida a partir do deslocamento nela.

⁵ Do original em espanhol: “A través de las fotografías no estamos viendo las ciudades. Menos aún a través de los fotomontajes. Sólo vemos las imágenes, en su estática y encuadrada impresión. Pero a través de la imagen fotográfica somos capaces de recibir indicios, impulsos físicos que dirigen en una determinada dirección la construcción de un imaginario que establecemos como el de un lugar o una de ciudad determinada. Porque ya hemos visto o porque vamos a ver algunos de estos lugares, el mecanismo semiológico de la comunicación a través de indicios se consume, y la memoria que acumulamos por experiencia directa, por narraciones o por simple acumulación de nuevos indicios es la que, indefinidamente, produce nuestra imaginación de la ciudad, de una o de muchas ciudades.”

⁶ Do original em espanhol: “Vacío, por tanto, como ausencia, pero también como promesa, como encuentro, como espacio de lo posible, expectación”.

⁷ Do original em espanhol: “es precisamente el mensaje que contiene expectativas de movilidad, vagabundeo, tiempo libre, libertad”.

⁸ Do original em inglês: “where the landscape has gone to seed and been left to its own devices, is in suspended redevelopment. or is being furtively inhabited or otherwise used, under the radar of local authorities”.

5 Careri e as transurbâncias como uma práxis do *terrain vague*

Apesar da difícil tarefa de encaixar práticas neste escopo teórico que tanto rejeita a delimitação estrita das caixas, alguns deslocamentos nesta tentativa de entender o fenômeno urbano contemporâneo se aproximam das propostas que Solà-Morales esboça. Neste sentido, as transurbâncias e a releitura da Nova Babylon, desenvolvidas por Francesco Careri, podem ser entendidas como um catalisador destes imaginários não-cooptados de um urbano contemporâneo. Patrick Barron e Manuela Mariani (2013) aproximam os *terrain vagues* trazidos por Solà-Morales (1996) do Careri através do manifesto de seu coletivo *Stalker* (nomeado a partir do filme de Tarkovski), colocando que:

Terrains Vagues são o que o coletivo arquitetural-e-artístico *Stalker* (1996) chama em seu manifesto de “espaços de confrontação e contaminação entre o orgânico e o inorgânico, entre natureza e artifício” aquilo “que constitui o negativo construído urbano, o intersticial e o marginal, espaços abandonados ou no processo de transformação”. (BARRON; MARIANI, 2013, p. 2, tradução nossa)⁹

Francesco Careri e os *Stalkers* realizavam transurbâncias deambulatórias periurbanas, isto é, caminhavam nos limites daquilo considerado cidadão, para experimentar o vazio, as lacunas no território, a paisagem entre os espaços estriados por excelência das cidades (DELEUZE apud JACQUES, 2012). Boa parte das suas atividades de transurbância se davam nos arredores de Paris e Roma — cidades que carregam uma herança histórica e, no caso de Roma, ainda é berço da metodologia linguística neo racionalista de Aldo Rossi, além de também apresentarem os “marcos de distinção” e o caráter turístico espetacular que Harvey (2005) e Debord (1997), respectivamente, comentam. Então, estas incursões para o território “entre” possibilitavam ao *Stalker* um deslocamento do substancial referencial estruturalista para um *terrain vague*, engajando o grupo em uma práxis do lugar resistente, não codificado.

Os limites espaciais se mostram menos rígidos. Entre interior e exterior, entre dentro e fora, entre privado e público, entre aqui e lá. Novamente o espaço do “entre”. Entre dois. Estar “entre” não quer dizer ser uma coisa ou outra, quer dizer ser temporariamente uma coisa e outra. Estar no meio de (*en train de*)... Em trans-formação. É não somente estar no meio ou em um meio, mas ser o próprio meio.” (...) “Os terrenos baldios (*terrain vague*) são sempre no meio, eles são em suspensão, em um estado provisório, intermediário, inacabado. (JACQUES, 2013)

No conceito do Solà-Morales, o *terrain vague*, por sua obsolescência diante da eficácia do urbanismo, provoca uma espécie de estranhamento mágico capaz de despertar as transformações radicais que Careri também coloca. Ignasi ilustra sua proposição para uma práxis urbana contemporânea a partir da contraposição com o urbanismo estruturalista, para ele, a potência do vazio pode transformar substancialmente este urbanismo porque é capaz de evocar “as forças ao invés das formas, o incorporado em vez do distante, o tátil em vez do óptico, o rizomático no lugar do figurativo” (SOLÀ-MORALES, 1995, p. 131, tradução nossa)¹⁰. A emancipação do urbano contemporâneo, distanciando-se de sua concepção hegeliana de forma para um determinado conteúdo, seja ele de qualquer campo de conhecimento, também aparece como fundamental para Debord. A Nova Babilônia foi uma tentativa de esboçar os conceitos situacionistas em uma reflexão prática do urbano. No entanto, a tentativa de materializar esta proposta, encapsulando-a em uma forma projetual definida, ocasionou o rompimento de Constant com Debord dentro do movimento situacionista (JACQUES, 2013). Para Debord, a fixação em forma de um projeto iria recair nas amarras estruturalistas que tentavam engessar o entendimento mutável da cidade em um modelo. Constant, por outro lado, pesquisou os acampamentos ciganos e propôs seu modelo enquanto uma “aldeia nômade global”.

⁹ Do original, em inglês: “Terrains vagues are what the architect-and-artist collective *Stalker* (1996) calls, in its manifesto, ‘spaces of confrontation and contamination between the organic and the inorganic, between nature and artifice’ that ‘constitute the built city’s negative, the interstitial and the marginal, spaces abandoned or in the process of transformation’”.

¹⁰ Do original em espanhol: “las fuerzas en lugar de las formas, lo incorporado en lugar de lo distante, lo háptico en lugar de lo óptico, lo rizomático en lugar de lo figurativo”.

Segundo Jacques (2013, s.p.), a melhor maneira de compreender esta aldeia é enquanto um modelo utópico que, antes de ser propositivo do futuro, apresentava-se como uma crítica ao presente, “não passível de ser construído: um não-lugar ou lugar nenhum”. Careri, remetendo-se a esta ideia situacionista, ressignifica-a declarando que a Nova Babilônia não era sonhada ou uma abstração, mas que ela sempre existiu. Segundo Francesco, esta cidade pode ser encontrada nas margens, nas periferias, no inacabado urbano, nas fissuras, nos terrenos baldios das cidades espetacularizadas. Ela seria o componente nômade, o espaço liso de desterritorialização de Deleuze e Guattari, dentro do espaço sedentário estriado da cidade, a “Nomos dentro da Polis” (JACQUES, 2013, s.p.). Para ele, o jogo lúdico a que Debord fazia referência na experiência da cidade é o movimento de encontrar estes espaços de amnésia dentro do urbano contemporâneo, porque estas amnésias também são amnióticas e contém o gérmen da criação do urbano.

Nova Babilônia não é um projeto de urbanismo. Também não é uma obra de arte no sentido tradicional do termo, nem um exemplo de estrutura arquitetônica. Pode-se apreendê-la na forma atual, como uma proposta, uma tentativa de materializar a teoria do urbanismo unitário, para se obter um jogo criativo com um ambiente imaginário, que está aí para substituir o ambiente insuficiente, pouco satisfatório, da vida atual. A cidade moderna está morta, vítima da utilidade. Nova Babilônia é um projeto de cidade onde se pode viver. E viver quer dizer criar. (JACQUES, 2013, s.p.)

6 Considerações finais

Neste artigo foram consideradas as críticas epistemológicas de Solà-Morales a um pensamento moderno e “contra-o-moderno” junto às práticas caminhantes desviantes de Careri como reflexões contra-hegemônicas de se pensar e agir no fenômeno urbano contemporâneo. O encontro entre estes pesquisadores dá-se aqui em suas tentativas de propor caminhos distintos para serem trilhados, através de referenciais outros para construção de um ideal de cidade. Na verdade, trata-se antes de um abandono conscientemente desejado de uma proposta projetiva de ideais estanques e lugares pré-determinados a serem alcançados. Ambos os arquitetos buscam empregar sua energia crítica e construtiva em uma práxis que exerça o urbano desvencilhado de uma ideia de produção (sobretudo, em seus desdobramentos capitalistas neoliberais).

Para apresentar essa aproximação, foram realizados pequenos recortes exemplares das teorias e práticas do urbanismo nos últimos cinquenta anos, que serviram de suporte basilar para ancorar as potentes críticas que Ignasi provoca. Sua leitura de como as práticas históricas sustentaram argumentativamente e ratificaram práticas arquitetônicas até os dias de hoje. Desde uma compreensão tautológica do urbanismo modernista, que justificava as suas ações no presente a partir de um legado técnico-psicológico, passando às reivindicações do regionalismo crítico e de uma interpretação linguística-estrutural das morfologias arquitetônicas e urbanas. Solà-Morales situa-nos na complexidade do fenômeno urbano contemporâneo, trazendo para a arquitetura e urbanismo uma possibilidade marginal (BARRON; MARIANI, 2013) e emergente para constituir um intervalo de crítica e prática do espaço.

Posteriormente, apresentamos que o engendramento da morfologia urbana e a tipologia construtiva, encabeçadas sobretudo pelas formulação de Aldo Rossi (1984), teceram uma relação simbiótica entre as discussões de arquitetura e cidade que foram levadas à prática pelo que ficou conhecido como urbanismo contextualista. Colocando um rápido enfoque nos casos das intervenções dos Jogos Olímpicos de 1992 em Barcelona e na reconstrução de Berlim pós-queda do muro que cindia a cidade, pode-se observar como as transformações destes dois territórios urbanos se pautaram, em maior ou menor grau, em uma tentativa de equilibrar uma multifacetada gama de discursos e argumentos econômicos, políticos e históricos, que seriam ilustrados por um conjunto arquitetônico-urbanístico harmônico. As críticas de Montaner, Koolhaas, Harvey e Debord às escolhas e aos resultados destes dois projetos, apesar de elucidativas. Seja na questão da preservação, no apagamento do patrimônio industrial na Orla de Barcelona. Seja na crítica ao engessamento proposto na reconstrução de Berlim. Ou nas consistentes críticas de Harvey (2014) a uma cooptação das reformulações urbanísticas pelo capitalismo tardio. Ou ainda, no questionamento de Debord (1997) a respeito de uma espetacularização de uma cidade nati-morta, ainda estão restritas a uma resposta colateral no urbano.

Partindo deste contexto, as críticas de Solà-Morales nos coloca diante do problema desta tentativa de “remontagem” do urbano enquanto resposta única à pluralidade dos diversos campos que o atravessam, estando ainda concentrado em uma

disposição arbórea do conhecimento. Solà-Morales, pelos pós-estruturalistas franceses, convida a um rompimento epistemológico no modo estruturalista que o urbanismo contextualista havia se colocado neste dois casos exemplares e propõe uma práxis urbana contemporânea e rizomática. Para entender este fenômeno urbano rizomático, Solà-Morales sugere encarar a mutação e o *terrain vague* enquanto dispositivos desencadeadores de outras maneiras de reflexão e ação no campo urbano. No lugar de tentar consertá-los; harmonizá-los, equilibrá-los, repará-los a partir de uma lente histórico-estruturalista, entendê-los como fenômenos do urbano contemporâneo e utilizá-los enquanto um devir criativo de outras formas de intervenção nas paisagens metropolitanas. Fractais, desalojadas de um conjunto.

Entender a mutação urbana que ocorreu a partir da queda do muro de Berlim, ou seja, compreender este desenvolvimento não-solicitado ou previsto do urbano, seria partir da ideia de que as fricções que a Segunda Guerra e a Guerra Fria não deveriam ser apaziguadas em uma tentativa de reconciliação dos dois lados do muro, mas incorporar os traumas passados pela cidade enquanto diretiva na reflexão e ação sobre a paisagem berlinense. Sobre este caso, Solà-Morales (1995) é incisivo e afirma que o arruinamento da *Alexanderplatz* depois do bombardeio em 1945 é uma conversão desta em um *terrain vague* que faz aflorar à superfície do território os estranhamentos e a inabitabilidade que esta paisagem contém. A tentativa de conferir uma imagem fotográfica, no rico sentido que Ignasi propõe, a este *terrain vague* permeado de possibilidades de mutações evoca a Zona do *Stalker* como paisagem.

Nesse sentido, de esvaziamento do uso utilitário, considera-se as práticas de transurbância periurbanas de Francesco Careri no vazio entre o estriamento cidadão enquanto incorporações de uma prática reflexiva no fenômeno urbano trazido por Ignasi. Esta práxis insurgente em uma paisagem insubmissa aparece como repotencialização do urbano contemporâneo, através de um estranhamento capaz de catalisar transformações, de reconstruir uma Nova Babilônia no vazio obsoleto dos territórios marginais e de criar uma nova vida urbana. O território estranho e não cooptado pelo urbanismo que se configura enquanto possibilidade de existências outras: onde o professor, o escritor e o vagabundo (personagens do filme) são capazes de desempenhar reflexões e performances de vida que não cabem dentro de suas *personas* profissionais.

Assim, tanto Ignasi quanto Careri constituem-se enquanto *stalkers* nos percursos que propõem nas frestas cidadinas. Caminhantes corajosos e criativos da Zona de Tarkovsky, eles, em sua transurbância nômade nesta Zona do fenômeno urbano contemporâneo, são capazes de sinalizar outras possibilidades de apreensão não-apropriável e colonizada do espaço. Configuram-se enquanto indisciplinados em um pensamento urbanístico neoliberal que se pretende sobre a cidade e esboçam em suas franjas marginais, uma tentativa teimosa e contra-hegemônica de exercer a cidade.

Referências

BARRON, P.; MARIANI, M. **Terrain Vague**: Interstices at the Edge of the Pale. London: Routledge, 2013. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/303840511_Terrain_Vague_Interstices_at_the_Edge_of_the_Pale_London_Routledge_2013_Co-editor_with_Manuela_Mariani. Acesso em: 22 out. 2022.

BOHIGAS, O. Una nueva Barcelona. Reflexiones sobre los últimos diez años. **A&V Monografias**, n. 37, p. 6-11, 1992.

BRONSTEIN, L. A crise do urbanismo contextualista. **Pós. Revista do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da FAUUSP**, [S. l.], v. 19, n. 32, p. 158-177, 2012. DOI: 10.11606/issn.2317-2762.v19i32p158-177. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/posfau/article/view/52462>. Acesso em: 24 set. 2021.

DEBORD, G. **A sociedade do espetáculo**: comentários sobre a sociedade do espetáculo. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Mil platôs. Capitalismo e esquizofrenia**. v. 1. São Paulo: Editora 34, 1995.

FOUCAULT, M. **Microfísica do Poder**. São Paulo: Graal, 2012.

HARVEY, D. **A Produção Capitalista do Espaço**. São Paulo: Annablume, 2005.

HARVEY, D. **Cidades Rebeldes**: Do direito à cidade à revolução urbana. São Paulo: Martins Fontes, 2014.

HEGEL, G. W. F. A arquitetura. Capítulo I: O Sistema das Artes Particulares. In: HEGEL, G. W. F. **A Arquitetura**. Tradução, Introdução e Notas de Oliver Tolle. São Paulo: Edusp, 2008.

JACQUES, P. B. **Elogio aos errantes**. Salvador: Edufba, 2012.

JACQUES, P. B. O grande jogo do caminhar. **Resenhas Online**, São Paulo, ano 12, n. 141.04, Vitruvius, set. 2013. Disponível em: <https://vitruvius.com.br/revistas/read/resenhasonline/12.141/4884>. Acesso em: 24. set. 2021.

KOOLHAAS, R. **Três textos sobre a cidade**: Grandeza, ou O problema do grande; A cidade genérica; Espaço Lixo. São Paulo: Gustavo Gili, 2014.

LÉVY, P. **O que é o virtual?**. São Paulo: Editora 34, 2011.

MOLET, R. F. Planos, projetos, eventos: Barcelona 1992 - 2012. **ARQTEXTO**, 17. Disponível em: https://www.ufrgs.br/propar/publicacoes/ARQtextos/pdfs_revista_17/06_RFM_PLANOS%20PROJETOS%20EVENTOS.pdf. Acesso em: 22 dez. 2021.

PEREIRA, R. B. Tipologia arquitetônica e morfologia urbana. Uma abordagem histórica de conceitos e métodos. **Arquitextos**, São Paulo, ano 13, n. 146.04, Vitruvius, jul. 2012. Disponível em: <https://vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/13.146/4421>. Acesso em 22 out 2022.

ROSSI, A. **The Architecture of the City**. Cambridge: MIT Press Ltd, 1984.

SOLÀ-MORALES, I. Presente y futuros. La arquitectura en las ciudades. **Catálogo do XIX Congresso da UIA**, Barcelona, pp. 10-23, 1996.

SOLÀ-MORALES, I. Práticas teóricas, práticas históricas e práticas arquitetônicas. in **Inscripciones**. Barcelona: Gustavo Gili, 2003. Disponível em: <https://bit.ly/3VqQpCm>. Acesso em: 17 nov. 2021.

SOLÀ-MORALES, I. Terrain Vague. In: DAVIDSON, Cynthia (ed.) **Anyplace**. Cambridge: MIT PRESS. p. 118-123, 1995.

STALKER. Direção de Andrei Tarkovski. Rússia: 1979. 1 DVD (163 min.).

VENTURI, R. **Complexity and Contradiction in Architecture**. New York: Museum of Modern Art, 2002.